



# A COROA

livro 5 da série A SELEÇÃO

KIERA CASS

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

**SÉGUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Kiera Cass

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Crown

CAPA Erin Fitzsimmons

© 2016 by Gustavo Marx/ Merge Left Reps, Inc.

PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cass, Kiera

A coroa / Kiera Cass ; tradução Cristian Clemente. — 1<sup>a</sup> ed. —  
São Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: The Crown.

ISBN 978-85-5534-004-8 (brochura)

ISBN 978-85-5534-005-5 (capa dura)

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Título.

16-02510

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)



# 1

— SINTO MUITO — eu disse, me preparando para a repercusão inevitável.

Quando minha Seleção começou, eu já tinha imaginado que seu fim poderia ser desse jeito, com dúzias de pretendentes partindo ao mesmo tempo, muitos despreparados para o fim dos seus quinze minutos de fama. Porém, depois das últimas semanas, depois de descobrir que muitos deles eram gentis, inteligentes e generosos, a eliminação em massa quase me partia o coração.

Eles tinham sido justos comigo, e agora eu tinha que ser muito injusta com eles. O anúncio ao vivo tornaria a eliminação oficial, e todos teriam que esperar até lá.

— Sei que é inesperado, mas dada a condição delicada da minha mãe, meu pai me pediu para assumir mais responsabilidades, e acho que a única maneira de conseguir fazer isso é diminuindo a competição.

— Como está a rainha? — Hale perguntou, engolindo em seco.

Suspirei.

— Ela está... está bem mal.

Meu pai hesitara em me deixar visitá-la, mas finalmente consegui convencê-lo. Compreendi a relutância dele assim que a vi, adormecida na cama de hospital ao lado do monitor que marcava os batimentos cardíacos. Ela tinha acabado de sair da cirurgia. Os médicos precisaram retirar uma veia de sua perna para substituir uma do peito, que havia sido obstruída.

Um dos médicos contou que chegaram a perdê-la por um instante, mas conseguiram trazê-la de volta. Sentei ao lado dela, apertando sua mão. Pode parecer bobo da minha parte, mas me esparramei na cadeira, na certeza de que isso a faria acordar para corrigir minha postura. Não funcionou.

— Mas ela está viva. E meu pai... Ele...

Raoul pôs a mão em meu ombro para me confortar.

— Tudo bem, Alteza. Nós todos entendemos.

Corri os olhos pelo cômodo, observando cada um dos meus pretendentes por um segundo, tentando gravar seus rostos na memória.

— Só para registrar, vocês me aterrorizavam — confessei. Ouvi risos no salão. — Muito obrigada por se arriscarem e por terem sido tão gentis comigo.

Um guarda entrou, limpando a garganta para anunciar sua presença.

— Perdão, Alteza. É quase hora da transmissão. A equipe

gostaria de verificar, hã... — ele gesticulou sem jeito — o cabelo e coisas assim.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada. Vou num instante.

Depois que ele saiu, voltei a me concentrar nos garotos.

— Espero que me perdoem por essa despedida coletiva.

Desejo a vocês toda a sorte do mundo.

Um murmúrio de despedidas ecoou à minha saída. Assim que atravessei as portas do Salão dos Homens, respirei fundo e me preparei para o que estava por vir. *Sou Eadlyn Schreave e nenhuma pessoa é tão poderosa quanto eu.*

Um silêncio perturbador se abatia sobre o palácio sem minha mãe e suas damas de companhia correndo de um lado para o outro e sem a risada de Ahren ressoando pelos corredores. Nada te deixa mais consciente da presença de uma pessoa do que a falta dela.

Desci até o estúdio com a postura ereta.

— Alteza.

Várias pessoas me saudaram quando entrei, fazendo reverências e abrindo caminho, mas sempre evitando me olhar diretamente nos olhos. Eu não conseguia distinguir se faziam isso em solidariedade ou se já sabiam.

— Ah — eu disse depois de uma olhada rápida no espelho. — Minha pele está com um pouco de brilho. Você poderia...?

— Claro, Alteza. — Uma garota deu batidinhas precisas de pó facial em meu rosto.

Endireitei a gola alta de renda do vestido. Quando me vesti

naquela manhã, o preto parecia adequado, tendo em conta o clima geral do palácio, mas eu começava a questionar aquela escolha.

— Pareço séria demais — disse em voz alta, preocupada.  
— Não séria e respeitável, mas séria e apreensiva. Está tudo errado.

— A senhorita está linda, Alteza — afirmou a maquiadora enquanto aplicava uma nova camada de cor nos meus lábios.  
— Como a sua mãe.

— Não, não estou — lamentei. — Não tenho nem uma sombra do cabelo, da pele ou dos olhos dela.

— Não foi isso que eu quis dizer. — A garota, terna e sincera, com cachos caindo sobre a testa, se posicionou ao meu lado e olhou para o meu reflexo. — Veja — ela disse, apontando para os meus olhos. — Não têm a mesma cor, mas a mesma determinação. E seus lábios têm o mesmo sorriso esperançoso. Sei que a senhorita se parece mais com sua avó, mas dá pra ver sua mãe da cabeça aos pés.

Olhei para mim mesma. Quase entendia o que ela queria dizer. Naquele momento de isolamento tão profundo, me senti um pouco menos sozinha.

— Obrigada. Isso significa muito pra mim.  
— Estamos todos rezando por ela, Alteza. Ela é dura na queda.

Dei risada, apesar do meu humor.

— É mesmo.

— Dois minutos! — gritou o diretor de palco. Caminhei até o cenário acarpetado, alisando o vestido e ajeitando o ca-

belo. O estúdio estava mais frio do que de costume, mesmo sob as luzes, e senti arrepios quando assumi meu posto atrás da tribuna solitária.

Gavril, vestido com um pouco menos de pompa, mas ainda elegante, se aproximou com um sorriso simpático.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Posso dar a notícia no seu lugar.

— Obrigada, mas acho que eu mesma preciso fazer isso.

— Tudo bem, então. Como ela está?

— Estava bem quando a visitei uma hora atrás. Os médicos a mantêm sedada para que se recupere, mas ela parece muito abatida. — Fechei os olhos por um instante para me acalmar. — Desculpe. Isso me deixa com os nervos à flor da pele. Mas pelo menos estou lidando com a situação melhor do que meu pai.

Gavril balançou a cabeça.

— Seria impossível alguém ficar mais abalado do que Maxon. O mundo dele depende totalmente dela desde que se conheceram.

Voltei a pensar na noite anterior, na parede de fotos no quarto deles, e repassei todos os detalhes sobre sua história que eles só tinham revelado para mim há pouco tempo. Eu ainda era incapaz de encontrar qualquer sentido em lutar contra inúmeros obstáculos por amor para, no fim, esse sentimento te deixar tão impotente.

— Você estava lá, Gavril. Participou da Seleção deles — eu disse, engolindo em seco, ainda hesitante. — Isso funciona mesmo? Como?

Ele deu de ombros.

— A sua é a terceira que vejo, e não sei dizer como funciona, como uma loteria pode trazer uma alma gêmea. O que posso dizer é o seguinte: seu avô não era exatamente um homem que eu admirava, mas tratava sua rainha como se ela fosse a pessoa mais importante que já caminhou no planeta. Era ríspido com os outros, mas generoso com ela. Ela extraía o melhor dele, e isso é mais do que posso dizer de... Bom, ele encontrou a mulher certa.

Apertei os olhos, curiosa com o que Gavril omitia. Sabia que meu avô tinha sido um governante rígido, mas, pensando bem, essa era a única coisa que eu sabia dele. Meu pai não me falava muito dele como marido ou pai, e eu sempre me interessei mais pelas histórias sobre a minha avó.

— Já o seu pai... Acho que ele não fazia a menor ideia do que estava procurando. Para ser honesto, acho que sua mãe também não. Mas ela era o par perfeito para ele em todos os sentidos. Todos enxergaram isso bem antes dos dois.

— Sério? — perguntei. — Eles não sabiam?

Gavril fez uma careta.

— Na verdade, era *ela* que não sabia. — Ele me olhou de maneira incisiva. — Parece que é de família.

— Gavril, você é uma das poucas pessoas para quem posso confessar isso. Não é que eu não saiba o que estou procurando. É que não estava preparada para procurar.

— Ah! Eu imaginava.

— Mas agora estou aqui.

— E por conta própria, receio. Se decidir que vai levar a

Seleção adiante, e depois de ontem ninguém vai te culpar se não quiser, só você poderá fazer uma escolha tão importante.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei. Por isso é tão assustador.

— Dez segundos — o diretor de palco avisou.

Gavril deu um tapinha no meu ombro.

— Estou aqui para o que precisar, Alteza.

— Obrigada.

Endireitei os ombros diante da câmera, tentando parecer calma quando a luz ficou vermelha.

— Bom dia, povo de Illéa. Eu, princesa Eadlyn Schreave, estou aqui para tratar dos acontecimentos recentes que se passaram com a família real. Vou começar pela boa notícia — anunciei. Tentei sorrir e até consegui, mas só era capaz de pensar no quanto me sentia abandonada. — Meu amado irmão, príncipe Ahren Schreave, se casou com a princesa Camille de Sauveterre, da França. Embora a ocasião do casamento tenha sido uma surpresa, isso de maneira nenhuma diminui nossa alegria pelo casal. Espero que vocês se juntem a mim para desejar aos dois o mais feliz dos matrimônios.

Fiz uma pausa. *Você consegue, Eadlyn.*

— Agora, uma notícia mais triste. Na noite passada, minha mãe, America Schreave, rainha de Illéa, sofreu um grave ataque cardíaco.

Fiz outra pausa. As palavras pareciam ter erguido uma muralha na minha garganta, dificultando a fala.

— Ela está em estado crítico, sob supervisão constante dos médicos. Por favor, rez... — Levei a mão à boca. Eu ia cho-

rar. Ia perder o controle em rede nacional. Depois de tudo que Ahren tinha dito a respeito do que as pessoas achavam de mim, demonstrar fraqueza era a última coisa de que eu precisava.

Baixei os olhos. Minha mãe precisava de mim. Meu pai precisava de mim. Talvez, de alguma pequena maneira, até o país precisasse de mim. Eu não podia desapontá-los. Sequei as lágrimas e continuei:

— Por favor, rezem por sua rápida recuperação, já que todos nós a adoramos e ainda dependemos de sua orientação.

Respirei. Era a única forma de continuar, um momento depois do outro. Inspirar, expirar.

— Minha mãe sempre teve um grande apreço pela Seleção, que, como todos vocês sabem, resultou no casamento longo e feliz dos meus pais. Assim, decidi honrar o que acredito ser um de seus desejos mais profundos e continuar minha Seleção. Devido ao desgaste que se abateu sobre nosso lar nas últimas vinte e quatro horas, considerei que seria sábio reduzir meus pretendentes à Elite. Meu pai reduziu suas opções de dez para seis devido a circunstâncias justificáveis, e eu faço o mesmo. Os seis cavalheiros a seguir são convidados a permanecer na Seleção: sr. Gunner Croft, sr. Kile Woodwork, sr. Ean Cabel, sr. Hale Garner, sr. Fox Wesley e sr. Henri Jaakoppi.

Esses nomes acabaram sendo estranhamente reconfortantes para mim, como se eu soubesse o quanto os rapazes haviam ficado orgulhosos daquele momento e pudesse sentir o calor da sua reação, mesmo à distância.

Eu estava quase no fim. O povo sabia que Ahren havia par-

tido, que minha mãe podia morrer e que a Seleção seguiria em frente. Agora era a vez da notícia que eu mais temia dar. Graças à carta de Ahren, eu havia compreendido exatamente o que as pessoas pensavam de mim. Que tipo de reação eu receberia?

— Devido ao estado tão delicado da minha mãe, meu pai, o rei Maxon Schreave, optou por permanecer ao lado dela. — *Lá vai.* — Por isso, ele me nomeou regente até se sentir apto a reassumir seu posto. Tomarei todas as decisões de governo até segunda ordem. É com pesar que assumo este papel, mas muito me alegra poder proporcionar alguma paz aos meus pais. Traremos mais informações sobre esses assuntos à medida que surgirem. Obrigada pela atenção e tenham um bom dia.

As câmeras pararam de filmar. Me afastei um pouco do palco e sentei numa das cadeiras geralmente reservadas à minha família. Sentia meu estômago embrulhado e poderia ficar sentada ali por horas tentando me recompor se fosse possível, mas havia coisas demais a fazer. A primeira delas era conferir de novo como estavam minha mãe e meu pai, e logo depois começar a trabalhar. Em algum momento do dia ainda precisaria me encontrar com a Elite.

Parei assim que saí do estúdio porque meu caminho estava bloqueado por uma fila de cavalheiros. O primeiro rosto que vi foi o de Hale. Sua expressão se iluminou quando ele me estendeu uma flor.

— Para você.

Corri os olhos pela fila e vi que todos tinham flores nas mãos, algumas ainda com as raízes. Provavelmente, depois de

ouvir os nomes no pronunciamento, eles correram até o jardim e então seguiram para o estúdio no andar de baixo.

— Seus bobos. — Suspirei. — Obrigada.

Tomei a flor de Hale e o abracei.

— Sei que tinha prometido uma coisa por dia — ele sussurrou —, mas me avise se precisar de duas, certo?

Abracei-o um pouco mais forte.

Ean era o próximo e, embora só tivéssemos nos tocado uma vez, durante o ensaio fotográfico do nosso encontro, era impossível não abraçá-lo.

— Tenho a sensação de que você foi forçado a isso — murmurei.

— Peguei minha flor num vaso do corredor. Não me denuncie para os seguranças.

Bati de leve nas costas dele, e ele fez o mesmo comigo.

— Ela vai ficar bem — Ean garantiu. — Todos vocês vão.

Kile tinha espetado o dedo num espinho e tentava, desajeitado, manter a mão que sangrava longe da minha roupa durante nosso abraço, o que me fez rir e foi ótimo.

— Para sorrir — disse Henri ao acrescentar sua flor ao meu desordenado buquê.

— Bom, bom — respondi, e ele riu de mim.

Até Erik tinha me trazido uma flor. Abri um sorriso brincalhão ao recebê-la.

— Isso é um dente-de-leão — disse a ele.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Alguns veem uma erva daninha, outros veem uma flor. É uma questão de perspectiva.

Abracei-o também, e pude perceber que ele olhava para os outros enquanto isso. Parecia constrangido por receber o mesmo tratamento que os Selecionados.

Gunner engoliu em seco, incapaz de dizer muita coisa, mas me deu um abraço carinhoso antes que eu prosseguisse.

Fox veio com três flores na mão:

— Não consegui escolher.

Abri um sorriso.

— São todas lindas. Obrigada.

Ele me apertou com força, como se precisasse mais de apoio do que os outros. Enquanto o abraçava, olhei mais uma vez para a minha Elite.

Não, aquele processo inteiro não fazia sentido, mas eu conseguia entender como tinha acontecido, como o coração podia ser arrebatado naquela aventura. E naquele momento era esta minha esperança: que de algum jeito dever e amor se tornassem uma coisa só e eu me descobrisse feliz no meio da Seleção.